

‘Minha literatura é para agradar a mim mesmo’, diz autor

Jonathan Franzen, uma das revelações literárias dos EUA nos anos 90, ataca os críticos e ironiza a “morte da literatura”

‘A autoconsciência costuma ser um problema para os escritores’, diz o escritor, que terá novo livro lançado em março do ano que vem

RICARDO MORENO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA
DE NOVA YORK

Jonathan Franzen não foge de uma boa peleja. O escritor americano de 47 anos já criou desafetos como a apresentadora de TV Oprah Winfrey e o crítico literário James Wood, da revista “The New Republic”.

Por outro lado, sai correndo quando vê uma aranha e ainda sente comichão quando lembra de seus professores de música na época do colégio. Pelo menos é o que ele revela em sua última obra, “Discomfort Zone”, lançada nos EUA no ano passado e prevista para ser lançada no Brasil pela Companhia das Letras em março de 2008, ainda sem título definido.

Trata-se de uma espécie de diário adolescente, uma compilação de ensaios no qual o autor expõe medos, traumas e experiências pessoais durante momentos importantes da sua vida. Muitos deles Franzen já superou. Outros, potencializou. “Desenvolvi uma série de novos medos, daqueles que atacam escritores que chegam na segunda metade da carreira”, disse em entrevista à **Folha**.

Seu romance mais famoso, “As Correções” (Companhia das Letras), foi lançado em 2001 e é considerado um dos mais importantes e influentes

da língua inglesa das últimas décadas.

★

FOLHA - Em seu novo livro, “Discomfort Zone”, você expõe ao leitor boa parte dos seus medos e fraquezas. Foi algo difícil?

JONATHAN FRANZEN - Desde que comecei a me ver como um personagem cômico — como o centro de cada piada — tudo ficou mais fácil.

FOLHA - Em 1996, a revista inglesa “Granta” elegeu-o como uma das revelações literárias. Onze anos depois, você ainda sente que precisa provar algo para os críticos?

FRANZEN - Ao menos aqui nos Estados Unidos, os críticos têm muito mais a provar para nós, escritores, do que nós para eles. Duvido que eu pudesse desapontar James Wood [crítico literário da revista “The New Republic”, que no lançamento de “As Correções” afirmou que o livro era de “um realismo histórico”] tanto quanto ele tem me desapontado. Nós, novelistas, queremos que eles sejam grandes críticos. Mas não estou muito certo de que esse sentimento seja recíproco.

FOLHA - “As Correções” é considerado um dos melhores romances dos últimos 20, 30 anos. Isso é algo que torna mais difícil o trabalho de fazer um novo livro?

FRANZEN - Parece que sempre há algo para tornar a idéia de fazer um bom livro algo impossível. Para mim, primeiro foi a “morte da literatura”. Agora são todas as vozes que ouço dentro da minha cabeça quando sento pra escrever. A autoconsciência costuma ser um

problema para os escritores.

Mas isso não é porque eu me preocupo com o que os críticos irão dizer. O fato é que sempre me importo em agradar a mim mesmo — em agradar aquele leitor que existe dentro de mim.

FOLHA - Você se preocupa com a atual política americana?

FRANZEN - Me preocupo tanto e acho tão apaixonante a ponto de mantê-la longe dos meus livros. Políticos fazem da literatura uma coisa besta demais para ser boa, assim como a literatura transforma os políticos em figuras inteligentes demais para serem eficazes.

FOLHA - Mas qual a sua posição sobre governo Bush e a decisão de manter os soldados americanos no Iraque?

FRANZEN - O contador de histórias que existe dentro de mim está estarecido de um modo que não há nem sequer um suspiro de surpresa nas consequências dessa catastrófica guerra e na absoluta incompetência de George W. Bush. Tudo tem sido péssimo exatamente da maneira que nós já sabíamos que iria ser.

FOLHA - Em quem você apostaria como o “novo grande nome da literatura” a ser descoberto?

FRANZEN - George Saunders e Alice Munro são grandes escritores? Certamente não tão grandes e conhecidos como deveriam ser. Steinbeck e Stendhal também não. Edith Wharton, Halldór Laxness... Gostaria que o grande nome a ser descoberto fosse o de Franz Kafka, de modo que ele ficasse muito, muito grande e conhecido.



O escritor norte-americano Jonathan Franzen, de “As Correções”, que foi lançado no Brasil

RAIO X

- » **Nome:** Jonathan Franzen
- » **Idade:** 47 anos
- » **Nascimento:** 17 de agosto de 1959 em Chicago, Illinois
- » **Moradia:** Upper East Side, em Nova York
- » **Livros:** “Twenty-Seventh City” (Décima sétima cidade, 1988); “Strong Motion” (Movimento forte, 1992); “As Correções” (2001; único lançado no

Brasil, pela Companhia das Letras); “How to Be Alone” (Como ficar sozinho, 2002); “Discomfort Zone” (Zona desconfortável, 2006, previsto para chegar ao Brasil em março de 2008)

» **Prêmios:** Whiting Writers Awards (1998); Guggenheim Fellowship (1996); American Academy’s Berlin Prize (2000); National Book Awards (2001)

» **Site:** www.jonathanfranzen.com

Me preocupo tanto [com a política] e acho tão apaixonante a ponto de mantê-la longe dos meus livros. Políticos fazem da literatura uma coisa besta demais para ser boa, assim como a literatura transforma os políticos em figuras inteligentes demais para serem eficazes